

## AUGUST AICHHORN: UMA OBRA ABANDONADA?

AUGUST AICHHORN: AN ABANDONED WORK?

Rose Gurski<sup>1</sup>Larissa Moraes<sup>2</sup>Paula Gus Gomes<sup>3</sup>

Resumo: O presente artigo apresenta uma revisão histórica acerca da vida e da obra de August Aichhorn, educador e psicanalista austríaco. Aichhorn é reconhecido quase exclusivamente pelo seu livro *Geleitwort zu August Aichhorn, Verwahrloste Jugend. Die Psychoanalyse in der Fürsorgeerziehung* (Juventude Abandonada. A Psicanálise na Educação Assistencial), cujo prefácio, escrito por Freud, encontra-se nas Obras Completas. Propomos resgatar a relevância de Aichhorn para o campo das interlocuções entre psicanálise e educação, com destaque especial ao seu pioneirismo ao aproximar, na década de 1920, a psicanálise do tema da delinquência juvenil.

Palavras-chave: Aichhorn. História da Psicanálise. Adolescência. Delinquência Juvenil.

*Abstract: The following article presents a historical review about August Aichhorn's life and work, Austrian pedagogue and psychoanalyst. Aichhorn is recognized almost entirely by his book "Geleitwort zu August Aichhorn, Verwahrloste Jugend. Die Psychoanalyse in der Fürsorgeerziehung" (Wayward Youth), whose foreword written by Freud can be found in "Freud Completen Works Standard Edition". We propose to rescue the Aichhorn's relevance for the field of interlocutions between psychoanalysis and education, with special emphasis on his pioneering approach the psychoanalysis and the juvenile delinquency in the 1920s.*

*Keywords: Aichhorn. History of Psychoanalysis. Adolescence. Juvenile Delinquency.*

Homenagens póstumas costumam parecer um acerto de contas da História com aqueles cujos feitos, em algum momento social e cultural, produziram um impacto inovador em sua área de atuação. Nesse sentido, sabemos que não foram poucos os gênios das artes, da literatura, da filosofia e mesmo das ciências, que viveram em épocas sociais e culturais cujo espírito do tempo não alcançava o teor de suas inovações e criações.

August Aichhorn, educador e psicanalista austríaco, que viveu e morreu entre os séculos XIX e XX, poderia ter tido seu nome inscrito no *hall* dos homens inovadores das ciências do espírito, especialmente no âmbito das fronteiras da Psicanálise. Incluído no grupo da segunda geração dos fundadores da *nova*

<sup>1</sup>Psicanalista, membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA). Professora e coordenadora substituta PPG Psicanálise: clínica e cultura (UFRGS). Vice-coordenadora GT Psicanálise e Educação (ANPEPP). Coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura (NUPPEC). Coordenadora do Curso de Especialização Intervenção Psicanalítica na Clínica com Crianças e Adolescentes (IP-UFRGS), autora do livro *Três ensaios sobre juventude e violência* (Escuta, 2012). E-mail: rosegurski@ufrgs.br

<sup>2</sup>Graduanda em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista de Iniciação Científica do NUPPEC/UFRGS – Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura. E-mail: laripmoraes@gmail.com.

<sup>3</sup>Graduanda em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista de Iniciação Científica do NUPPEC/UFRGS – Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura. E-mail: paulagusgomes15@gmail.com

*ciência*, atualmente ele é lembrado por aqueles que se dedicam ao campo dos diálogos da Psicanálise com o que chamamos de socioeducação<sup>1</sup>. Mas nem sempre foi assim. Mais de cinco décadas separam a morte de Aichhorn de nosso presente e foi somente através de um relativo esforço investigativo que chegamos até alguns registros de sua vida e de sua obra.

Em busca de fontes capazes de nos orientar na reconstrução do que foi sua participação e contribuição ao campo da Psicanálise e Educação, nos deparamos com um relativo apagamento quanto às marcas de seu trabalho, seja pela ausência de materiais traduzidos, seja pela confusão nas informações daqueles que foram encontrados.

Dono de uma intuição clínica reconhecida por Freud, Aichhorn parece ter sofrido certo anonimato autoral dentro do próprio Movimento Psicanalítico – a maior parte dos psicanalistas, na atualidade, mesmo aqueles afetados pelo trabalho com adolescentes em situação de vulnerabilidade social, com frequência, somente conhecem de Aichhorn o Prefácio escrito por Freud (1925/2012) acerca de sua obra mais famosa, chamada *Juventude Abandonada. A Psicanálise na Educação Assistencial*<sup>2</sup> – que se encontra nas edições das Obras Completas de Freud. O interessante é que mesmo com poucos registros de sua produção como educador e psicanalista, Aichhorn não deixa de ser mencionado em textos de cunho histórico como um dos mais promissores membros do grupo de pioneiros de analistas das primeiras gerações europeias, especialmente, é claro, pelo seu trabalho com adolescentes chamados antissociais ou delinquentes (GAY, 2012; MEZAN, 2014).

Sua relevância para as reflexões psicanalíticas acerca da delinquência<sup>3</sup> é inegável (CHEMAMA, 1995); pode-se dizer que, desde Aichhorn, poucas foram as produções que, a partir da Psicanálise, enriqueceram as problematizações da escuta da chamada delinquência juvenil. No Brasil, cujas condições atuais convocam os analistas a se debruçarem sobre o campo das articulações com o social, causa surpresa o desconhecimento de sua obra. Como exemplo deste relativo apagamento, podemos citar a ausência de tradução para o português de seu livro<sup>4</sup> mais importante.

Vejam então outras nuances da vida e da obra deste educador e psicanalista que, desde o início, teve na intuição clínica, na empatia e na busca da escuta da singularidade no trabalho com os meninos que apresentavam condutas antissociais, seus traços mais destacados.

#### **AICHHORN: TRAÇOS DE UMA VIDA**

Aichhorn, o homem que se vestia de preto cotidianamente, nasceu em Viena, no dia 27 de julho de 1878 e morreu enquanto dormia aos 71 anos, no dia 17 de outubro 1949.

O início de sua vida laboral foi junto aos negócios familiares, trabalhando em uma padaria da família. Em seguida, ainda muito jovem, interessou-se pelos conhecimentos de construção mecânica. Com cerca de 20 anos, Aichhorn abandonou a profissão para tornar-se professor primário, trabalho no qual começou a se interessar pela temática da delinquência. Dedicou sua vida, desde esta época, ao campo da educação e, posteriormente, quando conheceu a Psicanálise, aos diálogos entre ambas. Nessas interlocuções, sempre deu preferência às questões relativas à delinquência juvenil. Seu profundo interesse por escutar as condições psíquicas dos comportamentos antissociais dos adoles-

centes parece-nos evocar tanto questões de ordem familiar, quanto de ordem social.

Quando Aichhorn tinha 19 anos, perdeu o irmão gêmeo, Rudolf, óbito que abalou muito a família toda. Em uma carta datada de 5 de maio de 1948, Aichhorn escreveu a Anna Freud, contando-lhe que sempre fora muito ambivalente no laço com este irmão gêmeo por entender que seus pais teriam um apreço maior por ele (RIVERA; VALLEJO; PÉREZ et al., 2003).

Uma das hipóteses daqueles que escrevem sobre a vida de Aichhorn é de que seu interesse pela temática da educação e da delinquência tenha sido despertado pelo convívio íntimo que acabou tendo com vários jovens, com quem trabalhou na padaria da família ainda na adolescência. Essas vivências, somadas a um senso de reparação relativo ao tema da morte do irmão, além de uma juventude que, segundo ele, teria sido quase desviante, produziram-lhe uma forte empatia com o sofrimento psíquico dos jovens e com os comportamentos antissociais dos mesmos. Além disso, o interesse pelas questões relativas ao tratamento da juventude considerada desviante referia-se, certamente, a determinada atmosfera do período. Convém lembrar que a Europa desta época – que podemos considerar desde a Primeira Guerra Mundial, até os chamados tempos sombrios da década de 1930 –, estava impregnada por teses e concepções educacionais bastante rígidas e conservadoras, tanto com relação aos atos delinquentes quanto com outros comportamentos considerados desviantes.

Por volta de 1907, foram instituídos, nos arredores da capital austríaca, acampamentos para meninos. Aichhorn desempenhou forte resistência lutando para que o espírito militar não se apoderasse dessas instituições, em um contexto em que a militarização já se alastrava também às práticas educativas. Ele não partilhava dos ideais autoritários que rapidamente se espalharam pela Europa e que muitos queriam implementar junto aos jovens delinquentes de Viena.

Tal contexto social e cultural, ainda na primeira década do século XX, já mostrava nuances da rigidez educativa e de comportamentos cujo teor parece ter resultado, mais tarde, nas práticas nazistas. Vale lembrar que o pai de Daniel Paul Schreber, o Dr. Daniel Gottlieb Moritz Schreber, celebrou-se como um educador cujas teorias educativas baseavam-se no higienismo, vigor físico e ortopedia. Suas teses rígidas difundiram-se na Europa do século XIX e início do século XX e foram inclusive incorporadas mais tarde pelo nacional-socialismo (ROUDINESCO; PLON, 1998). Ao encontro dessas teses, os próprios reformatórios, como eram chamadas as instituições que abrigavam os jovens que hoje conhecemos como “em conflito com a lei”, começavam a mostrar alguns traços compartilhados com a concepção do que viria a ser depois denominado de os totalitarismos do século XX.

Em 1908, Aichhorn, tornou-se presidente do Conselho responsável pela organização dos já citados acampamentos para jovens, onde permaneceu trabalhando por dez anos. Em 1918, dez anos após, foi convidado a trabalhar no Departamento de Jovens em Viena e acabou por se aproximar da instituição Oberhollabrunn – tornando-se diretor da mesma em 31 de março de 1921– experiência que serviu como pano de fundo para a escrita de seu livro. Toda essa prática em Oberhollabrunn também permitiu a Aichhorn organizar, em Viena, junto a um órgão administrativo da cidade, trabalhos clínicos de orientação a jovens.

O interessante é que, mesmo antes de conhecer de perto os conceitos psicanalíticos já trabalhados por Freud, Aichhorn intuitivamente acreditava em

algumas noções tais como o conceito de transferência. Segundo ele, diferente de outros teóricos da época, o laço com o educador era determinante para a ressocialização das crianças e jovens.

Segundo Cifali e Imbert (1999), para Aichhorn o essencial era estabelecer uma relação afetiva forte com a criança, relação de “transferência positiva” [p. 66]. Ele acreditava que a confiança estabelecida entre o jovem e o educador era fundamental para abrir outras possibilidades a eles. Com os anos de trabalho, as descrições eram de que em outras casas de “correções” da Áustria os educadores mostravam-se severos e violentos, produzindo ódio nos laços com os jovens, enquanto em Oberhollabrunn tudo era diferente, pois os educadores recebiam e acolhiam os educandos de outra forma (CIFALLI; IMBERT, 1999).

Destacamos que no cerne de seus conceitos residiam apostas que valoravam as interações. Essa disposição o levava a equilibrar as diferentes variáveis –, ambientais e constitucionais –, que compõem a problemática dos jovens, sempre sublinhando a função e o lugar das relações familiares para a construção dos sintomas de delinquência. Suas concepções foram muito inovadoras para aquele momento, pois muitas abordagens supunham que a origem da conflitiva com as leis poderia ser de natureza biológica. Tais noções desconsideravam qualquer intervenção de caráter reeducativo, sendo a punição o único modo de lidar com esses jovens nas instituições.

Nesse sentido, podemos pensar que o vanguardismo maior de Aichhorn residia justamente no fato de ele se dispor a escutar a delinquência como um sintoma, mesmo em meio a uma cultura sombria na qual o higienismo e a eugenia tornavam-se, pouco a pouco, práticas de estado. O encontro com a Psicanálise foi justamente a consolidação de outra concepção no modo de entender a posição dos jovens desamparados com quem trabalhava. Como coloca Freud (1925/2012), no prefácio que faz ao livro de Aichhorn:

[...] durante anos o autor dirigiu instituições municipais de assistência social, antes de conhecer a psicanálise. Sua atitude para com os jovens sob tutela se originava de um vivo interesse pelo destino desses infelizes e era corretamente guiada por uma percepção intuitiva de suas necessidades psíquicas. A psicanálise não pôde lhe ensinar muita coisa nova em termos práticos, mas deu-lhe uma clara visão teórica das justificativas para seu modo de agir e o colocou em posição de fundamentá-lo frente aos demais. (FREUD, 1925, p. 348).

Freud não poderia ter definido melhor o trabalho intuitivo de Aichhorn como quando comentou acerca de seu vivo interesse pelo destino desses jovens e, especialmente, pela percepção acerca de suas necessidades psíquicas. Realmente o encontro com a Psicanálise veio confirmar teoricamente uma série de atos e abordagens que já estavam presentes em suas intervenções. Para aqueles que partilhavam de seu cotidiano de trabalho nas instituições, o saber da experiência que ele transmitia em suas posições era reconhecido tanto pela qualidade analítica que apresentava quanto pela possibilidade de estabelecer uma intervenção consistente nas fronteiras da Psicanálise.

#### **AICHHORN E A PSICANÁLISE NA VIENA DO ENTRE-GUERRAS**

O sucesso e a repercussão de seu trabalho como educador nas instituições educacionais da época o levou a ser encorajado, por Anna Freud, a ingressar na

formação psicanalítica da Sociedade Psicanalítica de Viena (SPV) em 1922, aos 44 anos, mesmo ano em que iniciou sua análise com Paul Federn.

Aichhorn raramente manifestava-se nas reuniões da Sociedade, especialmente na presença de Freud (ROUDINESCO; PLON, 1998). Sabe-se também que, de início, sentiu-se muito frustrado com as discussões que lá acompanhava, pois percebia um interesse excessivo pelos debates teóricos (RIVERA et al., 2003). Reconhecido mais pelo pioneirismo e pela genialidade de sua intuição clínica no trabalho com adolescentes delinquentes, e menos por suas contribuições teóricas, logo de sua chegada passou a participar do Círculo de Estudos sobre a Delinquência Juvenil, grupo no qual se reuniam Siegfried Bernfeld (1892-1953) e Wilhelm Hoffer (1897-1967). Aichhorn foi um dos entusiastas da educação psicanalítica, acompanhando Anna Freud em várias de suas construções realizadas especialmente em meados da década de 1920, quando Anna passou a ocupar um lugar de destaque no Movimento Psicanalítico, através de seu interesse vívido pelas intersecções entre psicanálise e educação e pela clínica com crianças.

Anna Freud, em 1925, junto com Aichhorn, Siegfried Bernfeld e Wilhelm Hoffer, criou o *Kinderseminar*, o Seminário de Crianças da Sociedade Psicanalítica de Viena, que se reunia na Berggasse 19. Essa atividade teve também uma função política no seio do Movimento Psicanalítico, pois foi fundada após toda a polêmica que envolveu o assassinato brutal da psicanalista pioneira no campo da clínica com crianças, Hermine Hug-Helmuth (ROUDINESCO; PLON, 1998). Hermine ingressou aos 42 anos, em 1913, como membro da Sociedade Psicanalítica de Viena (SPV), ficando responsável pela seção de crianças, da recém-inaugurada revista *Imago* – um periódico lançado para dedicar-se aos escritos não médicos da Psicanálise. Entre uma série de controvérsias de seu trabalho, esteve um acontecimento fatal: Hermine foi morta por seu sobrinho, Rolf Hugh, que, anos depois, cobrou da SPV uma indenização por ter sofrido abusos psicológicos pela via das interpretações da tia – ele se dizia uma cobaia da Psicanálise. Tal situação produziu o acirramento, é claro, das resistências na Viena conservadora e já bastante refratária à Psicanálise da época (ROUDINESCO, 2016).

Juntou-se a esse cenário toda a discussão da análise leiga através da acusação de charlatanismo feita a Theodor Reik, em 1924. Em fevereiro de 1925, Reik é proibido judicialmente de exercer a Psicanálise por não ser médico. Freud, no texto que escreve acerca do processo de Reik e do tema da análise leiga, diz:

[...] Pus em primeiro plano a tese de que o que importa não é se o analista possui ou não um diploma de medicina, mas se adquiriu a formação especial que o exercício da análise requer. Isso levou à questão, ardorosamente discutida pelos colegas, de qual seria a formação mais adequada para um analista. Sustentei, e continuo sustentando, que não é aquela que a universidade prevê para um médico. (FREUD, 1926, p. 219-220).

Em meio a essas circunstâncias, a potência da educação como campo de difusão da Psicanálise passou a ganhar um vulto maior. Ainda em *A Questão da Análise Leiga*, Freud sublinha

[...] o emprego da análise na terapia das neuroses é apenas uma de suas aplicações; o futuro talvez mostre que não é a mais importante. De toda

maneira não seria justo sacrificar todas as demais em prol desta única aplicação, apenas porque ela tem relação com o círculo de interesses médicos [...]. Talvez você não acredite nesses interesses puramente teóricos da psicanálise, ou não lhes reconheça influência na questão da análise leiga. Então devo lembrar-lhe que existe outra área de aplicação da psicanálise que se acha fora do âmbito da lei sobre charlatanismo, e que os médicos dificilmente poderão reivindicar para si. Refiro-me ao emprego na pedagogia. [...]. (FREUD, 1926, p. 215-216).

Nesse cenário de disputas conceituais e corporativas no âmago do Movimento Psicanalítico acabam-se conjugando aspectos da análise leiga, Psicanálise com crianças e interlocuções da Psicanálise com a educação. É em meio a essas circunstâncias que Aichhorn publica, em 1925, seu livro<sup>5</sup> já citado, no qual trabalha sobre a reflexão acerca da função psíquica da delinquência. Todo este movimento o coloca na posição de precursor de um campo inteiramente novo de estudos para a Psicanálise.

A aproximação com conceitos psicanalíticos rendeu-lhe efeitos não só para o âmbito dos diálogos com a Educação; como psicanalista, Aichhorn também dirigiu algumas análises didáticas, dentre elas, analisou Heinz Kohut, entre 1938 e 1939, e Kurt Eissler. Também se sabe que, como responsável pela reconstrução da Sociedade de Psicanálise de Viena, após o término da Segunda Guerra Mundial, realizou várias análises didáticas de psiquiatras jovens que, ainda durante os anos da guerra, tinham o anseio de fazer formação (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Aliás, é interessante destacar que, após a saída de Freud e de vários outros analistas austríacos e alemães, em 1938, por ocasião da *Anschluss* (anexação da Áustria), Aichhorn permaneceu em Viena. Segundo Roudiesco e Plon (1998), ele não deixou a Áustria porque seu filho fora levado para o campo de concentração de Dachau como preso político. De todo modo, com o objetivo de manter a prática psicanalítica viva, durante a guerra, permaneceu atuando como psicanalista. No período de 1938 a 1944 aceitou dirigir como psicólogo clínico a formação psicanalítica do Instituto Alemão de Pesquisas Psicológicas e Psicoterapêuticas de Berlim, criado por Matthias Göring<sup>6</sup>. Com o fim da guerra, ele tomou medidas para reabrir a SPV, tendo sido apoiado, depois de alguma resistência, por Anna Freud. Nesta época, também foi nomeado diretor do *International Journal of Psycho-Analysis* (IJP).

## RASTROS E TRAÇOS DE UM MESTRE

No trabalho de recolhimento de rastros de sua trajetória, encontramos um educador, cuja posição era de quem buscava a Psicanálise como uma concepção passível de lhe ajudar a compreender e intervir com a juventude desamparada, como aparece nesta carta trocada com Oskar Pfister, citada por Cifali e Imbert:

[...] Foi para dar continuidade à pesquisa que deparei com a psicanálise, não para me tornar psicanalista, nem para me apropriar de um novo saber, mas [...] para encontrar auxílio na luta contra a delinquência; para compreender o delinquente, para determinar o começo de um método que fizesse que a sociedade e o Estado não o perseguissem mais, não o

detivessem, não o condenassem nem o prendessem [...]. (CIFALI; IMBERT, 1999, p. 65).

Se nos aprofundamos em suas produções, percebemos que não se tratou de mais um pedagogo interessado em extrair uma aplicação da Psicanálise; vemos em suas posições um educador que, cedo, entendeu a hipótese do inconsciente em seu labor, escutando os sujeitos e preocupando-se com o sofrimento psíquico deles e de suas famílias, sem priorizar preceitos morais e ideológicos e também sem sucumbir à tentação de psicanalisar os jovens através da educação ou da reeducação.

Apesar de Aichhorn ter se envolvido de modo contundente com as construções teóricas de Anna Freud acerca da educação psicanalítica como já referido, arriscamos dizer que, na leitura de seu livro, a presença de premissas psicanalíticas é mais expressiva que propriamente nos escritos da herdeira de Freud. Em sua visão, a disciplina imposta e a supressão, praticadas nos reformatórios tradicionais, rendiam poucos resultados positivos aos jovens. A abordagem pouco ortodoxa de Aichhorn ao lidar com as tendências agressivas dos adolescentes, somada à habilidade de improvisar com os pacientes, produziu um modo de transmissão em que a noção de transferência era a protagonista da intervenção. Ou seja, enquanto Anna Freud, com suas teses, limitava a profundidade da análise infantil, construindo uma prática que realmente era mais pedagógica do que analítica, dispensando conceitos fundamentais da Psicanálise em função das impossibilidades transferenciais das crianças, Aichhorn fez da transferência a noção mais significativa que um educador poderia sorver da Psicanálise.

Cifali e Imbert (1999) também destacam o quanto Aichhorn foi pioneiro ao considerar o “ambiente” educativo, ancorado especialmente na relação adulto-jovem ou professor-aluno. Ao tratar do tema da relação educativa favorável, a partir de uma “transferência positiva” e de uma “nova orientação do Ideal do ego”, ele transferia as problematizações juvenis do âmbito constitucional, ou de caráter, para os laços com o que, mais atualmente através do ensino de Lacan, viemos a nominar de *Outro*<sup>7</sup> –, questão que, sem dúvidas, levava a práticas mais interessantes com os jovens.

Também importa destacar a dimensão ética de suas intervenções. Quando Aichhorn, em seu livro, examina um caso de um adolescente que tem várias irmãs e que é muito mal visto por nada querer fazer das tarefas da casa, diz que compreende as queixas da mãe, mas alerta o leitor de que, ao educador, não cabe fazer uma mediação familiar, pedindo calma e paciência a ambas as partes:

“tal manera de proceder resultaría tan ineficaz como una lectura moral sobre La delincuencia. Apaciguar no es nuestra tarea, ni tampoco juzgar al muchacho, sino resolver el problema. Sabemos que debemos, em primer lugar, descubrir la causa de la conducta disocial, gracias a la comprensión de la situación psíquica que la produce. (AICHHORN, 1925/2006, p. 79).

No brilhante prólogo que a psicanalista Hebe Tizio (2006) escreveu à última edição espanhola do livro de Aichhorn, ela destaca que, além da postura de não julgar moralmente os jovens que cometiam delitos, a implicação de Aichhorn em fazer com que os sujeitos falassem e, a partir disso, produzissem um saber próprio, foi algo muito inovador para a época. A atitude e a posição de

Aichhorn como educador também são aspectos sempre citados com destaque. Kurt Eissler (2006), que foi seu analisando, fala sobre como Aichhorn costumava assumir uma postura de “ignorância”, acreditando sempre ser possível começar de novo no sentido de colocar-se em uma posição de aprendiz. Eissler, no prefácio para a edição inglesa de “*Wayward Youth*” – que se encontra na edição espanhola de 2006 –, diz que a profundidade “a totalidade de sua obra magna somente será conhecida, admirada e aproveitada pelas gerações futuras” (2006, p. 28).

Nesse sentido parece-nos muito produtivo tomarmos, como sugere Tizio, a obra de Aichhorn como um aporte da Psicanálise para a atualidade de nossas questões. O acirramento atual de algumas posições políticas em nosso cenário, assim como as demandas das políticas públicas de saúde mental e de educação na direção da Psicanálise, atesta o que estava germinal no trabalho de Aichhorn. No título de sua obra principal, traduzido para o português, *Juventude abandonada. A psicanálise na educação assistencial*, de 1925, já estava presente justamente o acento no social. A educação assistencial, destacada no título, pode ser pensada como algo equivalente a nossas políticas públicas e sua evocação parece apontar para uma certa torção na abordagem psicanalítica convencional. Talvez por essa e outras questões, Anna Freud, no obituário de Aichhorn, em 1951, diz que as modificações propostas pelo educador austríaco, no que se refere aos jovens antissociais, eram o acontecimento mais importante na história da Psicanálise desde a morte de seu pai.

Assim, através desse dossiê, convidamos o leitor a inspirar-se nas letras de Aichhorn fazendo decantar os efeitos de sua posição de mestre-aprendiz, ou como diríamos hoje, *mestre não-todo*, aquele que suporta as impossibilidades da Educação e da Psicanálise, fazendo potência justamente na operação do que falha em suas funções. Não podemos nos esquecer de que foi justamente no Prefácio ao livro de Aichhorn que Freud conseguiu formular algo muito importante para a Psicanálise e para as interlocuções desta com a Educação:

[...] o trabalho da educação é algo *sui generis*, que não pode ser confundido com a influência mediante a psicanálise nem ser substituído por ela. A psicanálise infantil pode ser utilizada pela educação como recurso auxiliar; mas não tem condição de tomar o lugar dela [...]. (FREUD, 1925/2012, p. 349).

Apesar de Freud não fazer muitas referências ao texto de Aichhorn no Prefácio, talvez tenham sido as construções do educador que o fizeram chegar naquilo que ele chamou de “segunda lição” a partir da leitura de seu livro. Ora, além da extensão que as práticas psicanalíticas tomaram no campo social atual, ao articular as fronteiras da Psicanálise, da Educação e do social sem a pretensão de homogeneizar os campos, Aichhorn se tornou muito inspirador para o tempo presente.

Assim, pela responsabilidade com o que veio antes, e com o que virá depois, é que escolhemos não abandonar e não silenciar a experiência deste educador e psicanalista austríaco. Neste movimento, sentimo-nos como um verdadeiro herdeiro: aquele que toma a herança não em sua literalidade, mas na perspectiva de que, no encontro com a transmissão, ali possa fazer surgir o novo de seu tempo (GURSKI, 2012).



## NOTAS

1. A noção de socioeducação surgiu a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Esse termo marca uma nova concepção de intervenção com adolescentes que cometeram ato infracional. O termo socioeducação está intimamente ligado à Doutrina de Proteção Integral, que veio substituir a Doutrina da Situação Irregular, a qual preconizava, entre outras coisas, a Fundação do Bem-Estar do Menor (FEBEM).
2. Traduzimos o título conforme nota de rodapé referente ao original em alemão: *Geleitwort zu August Aichhorn, Verwahrloste Jugend. Die Psychoanalyse in der Fürsorgeerziehung* (p. 347). In: FREUD, Sigmund. Prefácio a Juventude Abandonada. A Psicanálise na Educação Assistencial. **Obras Completas O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. v. 16 (publicado originalmente em 1925).
3. Cabe ressaltar que o termo delinquência carrega o caráter de um “desvio patológico da espécie humana” (p. 247). Sublinhamos que usamos a expressão neste artigo, considerando o contexto sócio-histórico da época como um aspecto importante. Porém, sublinhamos a necessidade de problematizar e tensionar o uso do termo (FOUCAULT, Michel. Instituições completas e austeras. In: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 223-250).
4. A versão a qual tivemos acesso, em espanhol, tem como tradução *Juventud Desamparada*.
5. Ver notas de rodapé nºs 2 e 4 acerca do título original em alemão e a versão consultada em espanhol respectivamente.
6. Göring foi um grande apoiador da causa hitlerista durante o período da Segunda Guerra Mundial. O Instituto Alemão de Pesquisas Psicológicas e Psicoterapêuticas de Berlim em seguida passou a se chamar Göring-Institut. Este tinha como objetivo realizar pesquisas que se pautassem pela política de “hierarquia das raças” instaurada pelo nazismo (ROUDINESCO; PLON, 1998).
7. Para outros detalhes do conceito de Outro, ver LACAN, Jacques. *O Seminário – Livro 2 (1954/55). O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

## REFERÊNCIAS

- AICHHORN, A. **Juventud desamparada**. Barcelona: Gedisa, 2006. (publicado originalmente em 1925).
- CHEMAMA, R. **Dicionário de psicanálise – Larousse**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- CIFALI, M.; IMBERT, F. **Freud e a pedagogia**. São Paulo: Loyola, 1999.
- ISSLER, K. Prefácio. In: AICHHORN, A. **Juventud desamparada**. Barcelona: Gedisa, 2006.
- FREUD, S. Prefácio a O Método Psicanalítico, de Oskar Pfister. In: **Obras Completas**. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: (“o caso Shreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). São Paulo: Companhia das Letras, 2012. v. 10. (publicado originalmente em 1913).
- \_\_\_\_\_. Prólogo a juventude abandonada, de Aichhorn. In: **Obras Completas**. O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925). São Paulo: Companhia das Letras, 2012. v. 16. (publicado originalmente em 1925).
- \_\_\_\_\_. A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial. In: **Obras Completas**. Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma Ilusão e outros textos (1926-1929). São Paulo: Companhia das Letras, 2012. v. 17. (publicado originalmente em 1926).
- GAY, P. **Uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- GURSKI, R. **Três ensaios sobre juventude e violência**. São Paulo: Escuta, 2012.

MEZAN, Renato. **O tronco e os ramos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

RIVERA, F. B.; VALLEJO, I. S.-B.; PÉREZ, J. de D. et al. In: eduPsykhé, **August Aichhorn, un pionero del psicoanálisis aplicado a los jóvenes delincuentes**, v. 2, n. 1, p. 107-124, 2003.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. **Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016

TIZIO, H. Prólogo. In: AICHHORN, A. **Juventud desamparada**. Barcelona: Gedisa, 2006.